

Quem Não Toma o Chá Não Tem Alucinações : Epidemiologia de Religiões Alucinógenas no Brasil

メタデータ	言語: eng 出版者: 公開日: 2009-04-28 キーワード (Ja): キーワード (En): 作成者: 中牧, 弘允 メールアドレス: 所属:
URL	https://doi.org/10.15021/00002330

Quem Não Toma o Chá Não Tem Alucinações: Epidemiologia de Religiões Alucinógenas no Brasil

Hirochika NAKAMAKI

Museu Nacional de Etnologia, Osaka

Introdução

Nasceram, no interior da Amazônia brasileira, novas religiões, cuja maior peculiaridade é a ingestão de um chá alucinógeno. Esse chá, no entanto, não é o chá que conhecemos: arbusto regular da família das teáceas, isto é, *Thea sinensis/Camellia sinensis*. Com este também se prepara uma infusão levemente narcótica¹⁾, uma vez que contém cafeína, mas o chá a que me refiro, aqui, é a bebida com características alucinógenas, preparada a partir de duas espécies vegetais: cipó (*Banisteriopsis caapi*) e folha de *Psychotria viridis*. Essa bebida é chamada tanto de Santo Daime, Vegetal ou Hoasca, como, simplesmente, de chá. De qualquer forma, tanto o primeiro, como o segundo chá apresentam propriedades narcóticas, por conterem alcalóides. Neste trabalho, contudo, para uma melhor distinção entre um e outro, vou sempre me referir ao segundo como “chá alucinógeno”.

O chá alucinógeno é normalmente consumido em rituais. Dificilmente é ingerido fora do contexto religioso. Nesse sentido, pode, inclusive, ser considerado um chá sagrado. Os efeitos do chá, consumido antes dos rituais, levam as pessoas a um estranho mundo. Isto é: “quem não arrisca, não petisca: quem não toma o chá, não tem alucinações”. Por isso, a metodologia a ser empregada para pesquisar tal religião tem que levar isso em conta. Caso contrário, não se poderão esperar resultados satisfatórios. É o que aconteceria também no que diz

Publicado originalmente sob o título de “Cha wo nomazunba genkaku wo ezu: Burajiru ni okeru genkaku shûkyô no ekigaku”. In: Tsuneya Wakimoto & Keiichi Yanagawa (eds.), *Gendai Shûkyôgaku. 1 Shûkyô Taiken eno Sekkin*, Tôkyô: Tôkyô Daigaku Shuppankai, 1992, pp. 31–59. Tradução de Sandra M. Murayama.

respeito a pesquisas ecológicas: o estudo de sistemas ecológicos de uma região tropical, como a Amazônia, estaria abusolutamente fora do alcance daqueles que só conhecem a ecologia de zonas temperadas, como o Japão.

O mundo do chá alucinógeno sempre foi sobretudo administrado por xamãs indígenas e curandeiros populares. No entanto, essa nova religião, nascida na Amazônia brasileira, começou a se propagar pelas grandes capitais brasileiras, chamando a atenção da sociedade. Ela nasceu pelas mãos de brasileiros que tinham adentrado pela região fronteira entre a Bolívia e o Peru, para lá levados pela extração da borracha. A sua característica reside no fato de ter combinado uma bebida alucinógena, utilizada pelos índios, com as tradições religiosas do catolicismo, espiritismo e das religiões afro-brasileiras.

Essa nova religião índio-brasileira não passava de uma religião meramente regional, disseminada apenas nos estados do Acre e Rondônia, que fazem fronteira com Peru e Bolívia. Contudo, a partir dos anos 70, ela começou, gradualmente, a se propagar por importantes capitais brasileiras, como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Tal processo, por analogia com a epidemiologia, pode ser compreendido como sendo a conversão de uma religião endêmica em uma religião epidêmica²⁾. Isto é, pode ser visto como um processo de transformação de uma religião com características de uma endemia, restrita a uma área específica, em uma epidemia, que se propaga indistintamente, transpondo regiões e etnias. No presente trabalho, vou procurar examinar como essa nova religião primeiro se consolidou como uma religião endêmica, convertendo-se, a seguir, em uma religião epidêmica. Estudarei, ainda, os problemas que tal conversão trouxe.

A nova religião colocou o chá alucinógeno no centro dos rituais e da própria fé. A sua característica mais marcante é a série de experiências transordinárias resultantes do consumo daquele líquido. Como se vê, a alucinação é o seu elemento mais proeminente. Nesse sentido, quero permitir-me chamá-la de "religião alucinógena". Assim como os cultos afro-brasileiros que são chamados de cultos de possessão, porque têm como característica principal a possessão, quero empregar a denominação "religião alucinógena" para me referir a essa religião, que tem na alucinação o seu traço mais marcante. Não vou empregar, entretanto, o termo "culto". Gostaria de padronizar, utili-

zando o termo “religião”³⁾. O chá alucinógeno também possui outros efeitos, como a cura de doenças. Elas não podem, portanto, ser ignorados, só porque a alucinação seja a sua característica mais marcante.

O conceito de religião alucinógena é um conceito abrangente. Tal abrangência é necessária para se ter uma melhor compreensão das características gerais de tais religiões, acima das diferentes famílias existentes. Assim é que, se porventura surgirem outras manifestações religiosas que também lancem mão de substâncias alucinógenas não naturais, como, por exemplo, o LSD, elas também seriam abrangidas pelo mesmo conceito. Através do estabelecimento de algumas classificações a partir desse conceito, podemos traçar inúmeras comparações, de diferentes finalidades. Uma dessas classificações diz respeito ao aspecto endêmico e epidêmico da religião.

O Líquido Visto como Organismo Patogênico

O Chá Alucinógeno

A religião alucinógena, objeto deste estudo, divide-se, grosso modo, em duas grandes famílias: uma que denomina o chá de “Santo Daime” ou “Daime” e a outra que o denomina de “Vegetal” ou “Hoasca” (“Oaska”). Cada família, por sua vez, subdivide-se em algumas facções [Fig. 1]. Vou referir-me à primeira família, chamando-a de Doutrina do Santo Daime e à segunda, de União do Vegetal. Os pormenores dessa classificação serão vistos na segunda parte do trabalho, mas, primeiro, quero fazer um apanhado dos principais traços do chá alucinógeno.

Na Doutrina do Santo Daime, esse chá é chamado de “santo daime” ou, abreviadamente, de “daime”. O nome vem de “Dai-me”, expressão de desejo. Na União do Vegetal, o chá recebe o nome de “hoasca”, “oaska”⁴⁾, “vegetal” ou, simplesmente, “chá”.

Esse chá, ora chamado de santo daime, ora de vegetal, é preparado a partir de duas espécies vegetais: *Banisteriopsis caapi* e *Psychotria viridis*. Do primeiro vegetal, um cipo, utilizam-se os seus sarmentos (ramos), ao passo que do segundo, as suas folhas. A bebida resultante da decocção desses ingredientes contém substâncias alucinógenas — os alcalóides —, como a harmina e a harmalina. Ultimamente, tem chamado atenção a N-N-Dimethyltryptamina (DMT), presente nas

folhas dessas plantas. Acredita-se que as alucinações sejam decorrentes da interação desta com os alcalóides⁵⁾.

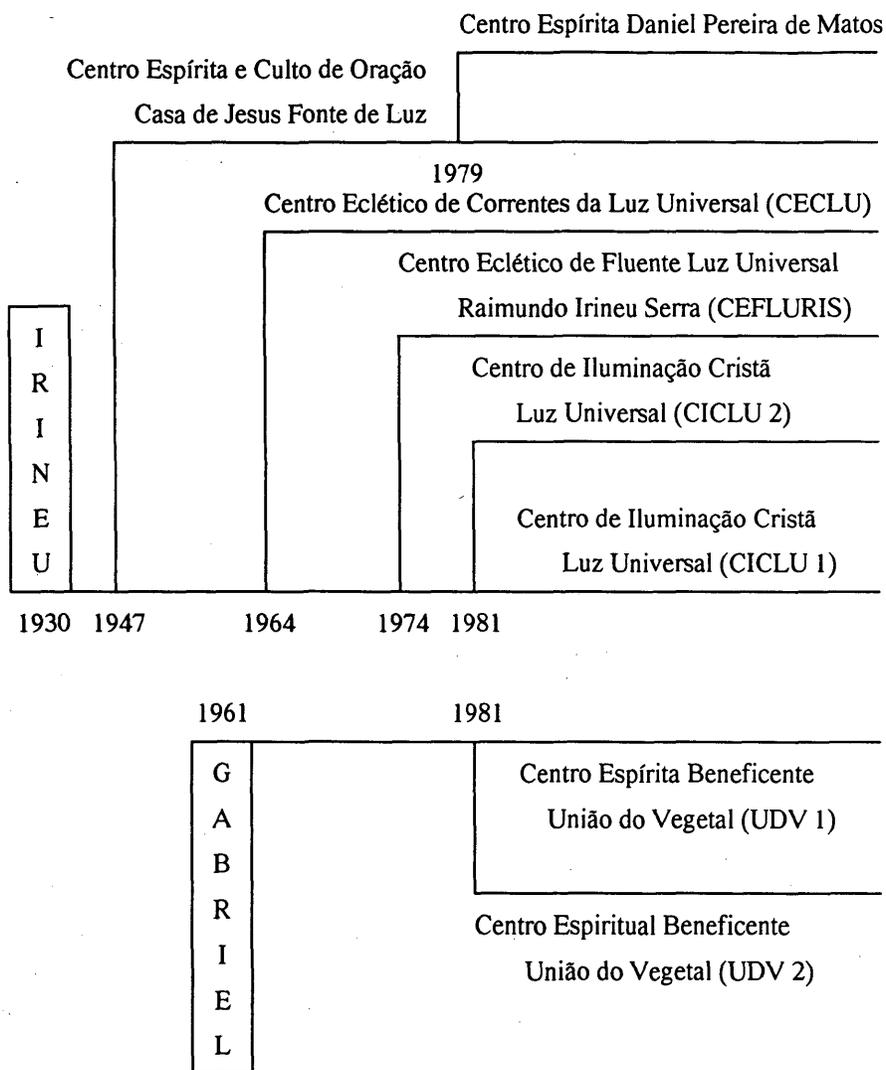


Fig. 1 Relação entre as facções da Doutrina do Santo Daime e a União do Vegetal

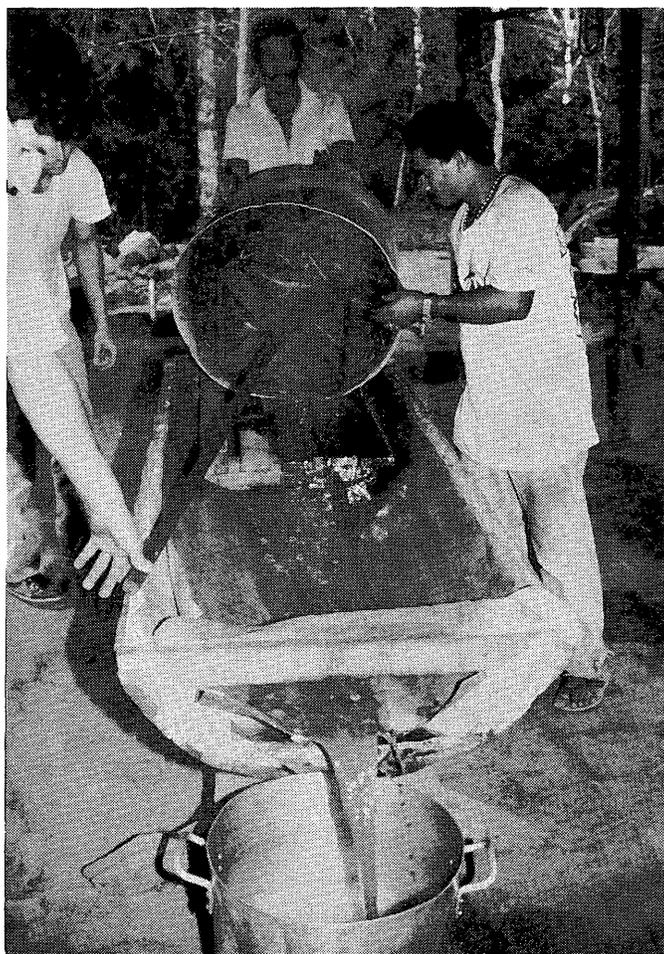


Foto 1 Feitio de Santo Daime na Colônia 5000



Mapa 1 Área dos preparados de Banisteriopsis (*Handbook of South American Indians*, 1949)

A espécie *Banisteriopsis caapi* é chamada de “jagube” na doutrina do Santo Daime e de “mariri” na União do Vegetal. Muitas vezes é também chamada simplesmente de “cipó”. A espécie *Psychotria viridis* é chamada de “chacrona” tanto na Santo Daime, como na União do Vegetal, embora, muitas vezes, também seja chamada, simplesmente, de “folha”. Na Santo Daime, emprega-se, ainda, o termo “rainha”.

O *Banisteriopsis caapi* é planta nativa de florestas tropicais e se distribui, basicamente, em determinadas regiões da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e oeste do Brasil [Mapa 1]. O nome dado à planta, assim como à bebida que dela se extrai, varia de povo para povo: “yajé”, “ayahuasca”, “natema”. Mais para o norte, no Panamá, alguns povos também lançam mão do vegetal, embora para uso pessoal⁶⁾. O *Psychotria viridis* também é nativo de florestas tropicais, podendo, ainda, ser encontrado em zonas temperadas. Acredita-se que tanto a Santo Daime como a União do Vegetal tenham permanecido endêmicas por algum tempo, basicamente em função do habitat da matéria-prima do chá, em especial o *Banisteriopsis caapi*.

As Experiências que o Chá Traz

O chá alucinógeno é preparado a partir da decocção de ramos e folhas dos vegetais mencionados: os ramos devidamente amassados e as folhas livres de pó e sujeiras são colocados em camadas, em uma panela com água, onde são cozidos. Mais tarde, o líquido resultante é despejado sobre mais ramos e folhas, para um novo cozimento, dando origem a um caldo de maior concentração. Isso tudo é feito coletivamente⁷⁾. O chá alucinógeno resultante desse processo é controlado rigorosamente pelo líder. Ora fica armazenado em sua casa, ora em uma sala apropriada no Centro. Em princípio, o chá só é ingerido no Centro, distribuído pelo próprio líder para cada um dos fiéis.

Vou citar o exemplo da meditação intensiva que presenciei no Centro Eclético de Correntes da Luz Universal (CECLU) de Porto Velho. As reuniões iniciam-se às 20 horas. Os participantes pagam uma taxa e, num guichê localizado na porta da sala em que o chá fica armazenado, recebem um copo do chá alucinógeno das mãos do líder, Virgílio. Primeiro os homens, depois as mulheres, não havendo, entretanto, nenhuma outra hierarquia entre as pessoas presentes.

Bebe-se o chá num único gole: ele é ligeiramente amargo. Aquele com mais tempo depois de pronto apresenta um odor leve. A seguir, todos se sentam, homens separados das mulheres. Faz-se, então, a leitura de regulamentos e dogmas da igreja, reza-se a Ave Maria e o Pai Nosso e se preparam para entrar em meditação intensiva. Não se permite cruzar as pernas ou os braços, sob pena de interceptar a força divina. Afora isso, entretanto, não há nenhuma outra restrição quanto à posição das pessoas, meditando cada qual da forma que lhe convém. Às vezes, só se dedicam à meditação. Em outras ocasiões, executa-se um disco que narra, por exemplo, a vida de Jesus. Essa primeira parte da reunião dura cerca de uma hora. Depois, um coral feminino canta 12 hinos e, a seguir, para finalizar, reza-se novamente a Ave Maria e o Pai Nosso. A duração da reunião é de cerca de duas horas e meia. Essa sessão de meditação intensiva é realizada duas vezes por mês, nos dias 15 e 30, sendo que a reunião do dia 15 de agosto é realizada dentro de uma floresta.

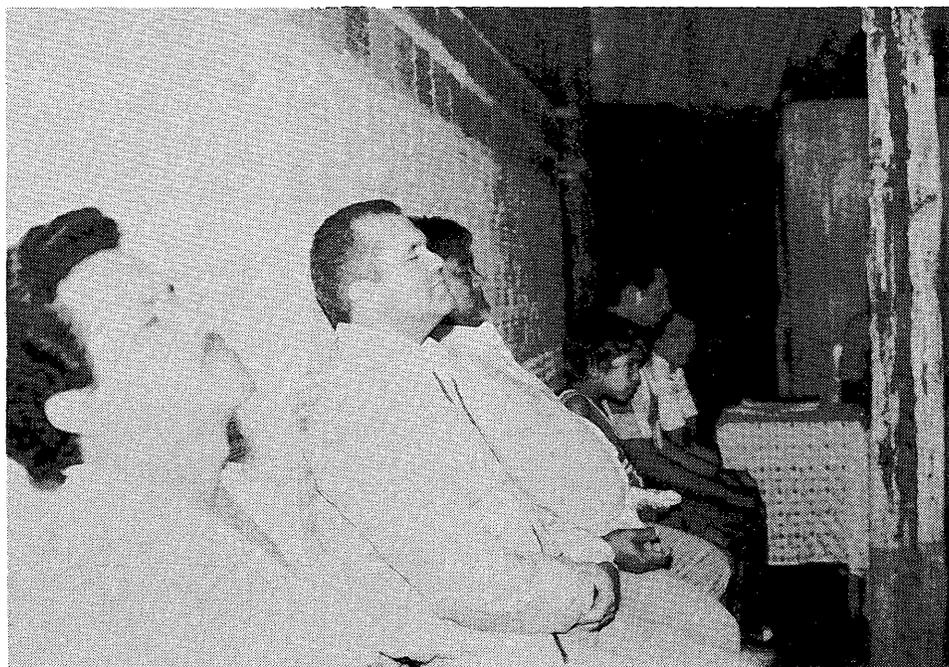


Foto 2 Concentração no CECLU

Durante essas reuniões é que ocorrem as diversas experiências. Embora até agora eu tivesse classificado o conjunto delas de alucinações, elas são, antes, experiências transordinárias “reais”. No centro de tais experiências se encontram as alucinações visuais, que são as que ocorrem com maior frequência. Mas, alterações momentâneas a nível de consciência também podem acontecer com todos os cinco sentidos, a começar pela audição. De maneira geral, ocorre uma hipersensibilidade em relação a luzes e sons, e figuras estranhas de cores primitivas aparecem transfigurando-se vertiginosamente. Além disso, ouvem-se variados sons vindos de diferentes direções e passa-se a sentir que está ventando ou chovendo. São situações que surgem independentemente da própria vontade das pessoas. Elas possuem aspectos que nos permitem interpretá-las como revelações divinas. Além disso, existe uma sensação de realidade que nos convence e faz ter uma inusitada compreensão das mesmas. Ao mesmo tempo, do ponto de vista emocional, não é raro as alucinações se fazerem acompanhar de uma embriaguez extasiante — um verdadeiro estado de transe. Fisiologicamente, os alcalóides têm um efeito calmante: são diferentes do álcool, que é excitante. O fato de as pessoas ingerirem o chá, enquanto ficam preparando e amassando os ramos do cipó, deve estar ligado ao efeito relaxante que ele produz sobre a tensão e o cansaço dos músculos. Embora se diga freqüentemente que “os ramos são a força e as folhas, a luz”⁸⁾, deve-se dizer que ainda não existem estudos suficientes quanto aos seus efeitos farmacológicos. Há, ainda, a questão da intensidade das alucinações, conforme a quantidade do chá ingerido e do estado em que o organismo da pessoa se encontra. Assim, em vez da embriaguez, a pessoa pode ter, por exemplo, pesadelos. Por outro lado, também são freqüentes as náuseas e os vômitos que, pelos preceitos da religião, são vistos como uma forma de se eliminarem substâncias tóxicas, isto é, uma forma de purificação espiritual.

Uma característica que se pode atribuir a essas experiências, vividas através de alucinações, é a individualidade, isto é, o fato de cada qual, embora ingerindo o mesmo líquido, passar por experiências distintas. Não estou falando só dos diferentes efeitos sobre os cinco sentidos; existem também diferentes ritmos em termos de intensidade. Na sociedade indígena, o xamã era quem, em alguns casos, se encarregava de universalizar as interpretações acerca das experiências.

individuais⁹). Na Santo Daime e na União do Vegetal, entretanto, existe considerável liberdade de cada um interpretar as suas próprias experiências. Assim, não importa se a pessoa visitou uma cidade espacial durante um passeio pelo espaço sideral ou se ela descobriu um eu de uma outra encarnação, em uma China de 4.500 anos atrás: ninguém tem nada com isso. Uma vez que todas as experiências são propiciadas pelo mesmo líquido, não há, ali, verdades ou mentiras, superioridades ou inferioridades, o ortodoxo ou o heterodoxo.

Expressões como “O líquido é divindade” ou “O líquido é amor” só existem porque se tem forte noção de que, embora as experiências vividas sejam as mais diferentes imagináveis, a fonte é comun e é a mesma¹⁰.

O efeito do chá alucinógeno é chamado de “miração”, na Santo Daime e de “burracheira”, na União do Vegetal. O termo “miração” é um neologismo oriundo do verbo mirar. Quanto ao termo “burracheira”, supõe-se que ele tenha surgido a partir do espanhol “borrachera” (burracheira, em português)¹¹. De qualquer forma, são termos específicos a essas religiões. Da mesma forma, as próprias experiências também são específicas, uma vez que não são uma extensão do cotidiano. Nesse sentido, podemos chamá-las de transordinárias, isto é, não ordinárias.

A propósito, também no Japão não são poucas as novas religiões surgidas a partir do fenômeno da possessão de seus fundadores. No entanto, nelas, o fenômeno das revelações ou o exercício das premonições ficavam restritos apenas ao fundador ou uma parte do primeiro escalão. Estes formavam o topo de uma pirâmide. Abaixo deles, organiza-se a sua base, constituída pela massa. No caso das religiões alucinógenas brasileiras, entretanto, as alucinações estão ao alcance de todos os seus participantes. Em outras palavras, isso significa que todos os seus participantes têm, oculto dentro de si, potencial suficiente para serem eles próprios xamãs e gurus, um verdadeiro convite para cisões e conflitos, o que de fato acabou acontecendo em pequena escala. Assim é que, de um lado, a Santo Daime, “relaxada” e de cunho comunitário, continua a existir, mesmo depois do surgimento, no interior, da União do Vegetal, rígida e hierárquica. A seguir, vamos ver o processo de formação dessas sociedades.

As duas Famílias de Religião Alucinógena

Do ponto de vista social, por trás do nascimento das religiões alucinógenas, se encontra o ciclo da borracha. No final do século 19, quando a borracha passou a ser empregada na produção de pneumáticos, a região banhada pelo Amazonas, produtora da goma, conheceu um crescimento econômico sem precedentes. As seringueiras, de onde se extraía o látex, espalhavam-se floresta adentro e os seringueiros, mesmo tendo as suas vidas ameaçadas pela malária e beribéri, penetravam cada vez mais para o interior, acompanhando o curso do rio, sonhando em se tornarem milionários da noite para o dia. Esses seringueiros eram, na maior parte, retirantes nordestinos castigados pela seca, que dependiam do sistema de “adiantamentos” por parte dos patrões, proprietários dos seringais. Viviam em barracos, em pequenos grupos só de homens. Na época, a fronteira entre o Brasil e a Bolívia ainda não estava claramente definida e, na região, eram constantes as disputas entre os próprios seringueiros. Por isso, o Brasil resolveu, em 1903, adquirir da Bolívia um pedaço de terra que, hoje, corresponde ao estado do Acre. Foi nesse estado que surgiram as duas grandes famílias de religiões alucinógenas.

A Doutrina do Santo Daime

A doutrina do Santo Daime foi fundada no início dos anos 30, em Rio Branco, estado do Acre, por Raimundo Irineu Serra, brasileiro de origem negra. Ele nasceu em 15 de dezembro de 1892 no estado do Maranhão. Durante o ciclo da borracha, em 1912, foi para o Acre, para se dedicar à extração do látex, na fronteira do Peru e Bolívia. Ali conheceu os irmãos Antônio e André Costa, conterrâneos, com quem, por volta de 1920, participou da constituição de uma sociedade religiosa, Círculo Regeneração e Fé, na cidade de Brasiléia, na fronteira com a Bolívia. Foi ali também que recebeu a iniciação no preparo do chá alucinógeno pelas mãos de Crescêncio Pizango, um lavrador peruano, experimentou-o e teve as suas primeiras mirações¹²⁾. Essa sociedade tinha sido constituída por negros conterrâneos e era uma espécie de confraria, que tinha como objetivo a mudança do “regime de adiantamentos”, levado a cabo pelos patrões, agora em decadência, em função da queda nos preços da borracha, que aconteceu à medida em que prosperavam as plantações inglesas na península malaia. Por volta de 1920, a borracha natural foi completamente superada pela borracha

cultivada. A primeira miração de Irineu, resumindo a descrição feita por algumas pessoas ligadas à doutrina, em Alto Santo, deu-se da seguinte forma:

Quando Irineu tomou o chá, a lua foi ficando cada vez mais próxima, e uma mulher, sentada em uma cadeira de balanço e chamada Clara, apareceu. Era a Nossa Senhora da Conceição, também conhecida como a “Rainha da Floresta”, que lhe disse que o nome verdadeiro daquele chá era Santo Daime. Em seguida, a “Rainha da Floresta” autorizou-o, através dos espíritos sagrados do Inca, a ser o chefe da Nação Juramidam. Clara designou-o, ainda, para a sagrada missão de dominar o mundo¹³⁾.

Por sua vez, Antônio Costa era famoso em Brasília como curandeiro. Irineu, no entanto, rompeu com ele e, em 3 de janeiro de 1920, ingressou no Corpo de Defesa da Região de Rio Branco, onde chegou a ocupar o posto de chefe de pelotão. Irineu deixou as forças armadas em 1932, quando passou a desenvolver atividades religiosas, embora, segundo um colaborador seu, tudo tenha começado em 26 de maio de 1930, quando se realizou pela primeira vez a reunião da Santo Daime, com a presença de três pessoas¹⁴⁾. Foi a partir da segunda metade dos anos 30 que começaram as revelações, entre elas hinos e músicas. Irineu, que não sabia escrever, fez com que Percília, sua filha de criação, transcrevesse as revelações que, mais tarde, vieram a ser o cerne dos dogmas da doutrina do Santo Daime.

Em 1945, Irineu mudou-se para o subúrbio de Rio Branco, doando parte do terreno para famílias pobres. Ali, fundou a Igreja Alto Santo que, a partir de 1955, afiliou-se ao Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento de São Paulo, com sede em São Paulo.

Quem primeiro se desligou e se tornou independente da Igreja Alto Santo foi a facção de Daniel Pereira de Matos. Ele também era do Maranhão, tal qual Irineu, e tinha vivido cerca de meio ano em Alto Santo, para tentar se regenerar de uma vida libertina. Em 1947, iniciou uma atividade independente na Vila Ivonete, com a fundação de uma igreja de nome quilométrico: Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz. Daniel faleceu em 1958. Em função de uma disputa interna, uma nova igreja foi fundada em 20 de janeiro de 1979, na mesma Vila Ivonete, com o nome de Centro Espírita Daniel Pereira de Matos.

Irineu faleceu em 6 de julho de 1971. Em 23 de dezembro do mesmo ano, fundou-se uma nova entidade, o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal (CICLU). Posteriormente, a Igreja Alto Santo dividiu-se em três facções: primeiro, Sebastião Mota de Melo fundou, em 1974, o Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS), na Colônia 5000, no subúrbio de Rio Branco. Mais tarde, ele também fundou colônias denominadas Rio do Ouro e Céu do Mapiá no meio da floresta amazônica, onde passou a ser o líder carismático da comunidade. Sebastião faleceu em 20 de janeiro de 1989, sendo seu filho o seu sucessor. Por outro lado, em 1981, fundou-se, em Alto Santo, um novo centro também denominado CICLU. Para uma melhor distinção entre os dois, chamemos o primeiro de CICLU 1 e o mais novo de CICLU 2.

Além disso, por volta de 1964, fundou-se em Porto Velho uma nova igreja da família Alto Santo, cujo chefe é desde 1968, Virgílio Nogueira do Amaral. Esta nova igreja denomina-se Centro Eclético de Correntes da Luz Universal (CECLU) e possui uma relação, digamos, de irmandade com o CICLU.

União do Vegetal

O nome oficial da entidade é Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. O Centro teve início em 22 de julho de 1961, em Plácido de Castro, estado do Acre, tendo José Gabriel da Costa como figura central. Gabriel tinha fundado, com outros seringueiros, uma sociedade denominada Mestres da Curiosidade¹⁹, tornando-se o seu responsável máximo.

Gabriel era baiano, nascido em 10 de fevereiro de 1922 e falecido em 24 de setembro de 1971, em Brasília. Em 1944, ele tinha vindo a Porto Velho, em Rondônia, integrando o “exército da borracha”. Com a ocupação, pelos japoneses, da península malaia, durante a Segunda Guerra Mundial, tinha havido um aumento de demanda da borracha natural, o que fez com que o governo brasileiro encaminhasse o “exército da borracha” para o interior da Amazônia. Gabriel casou-se em Porto Velho, trabalhou como caminhoneiro, enfermeiro, e chegou a tocar uma olaria. Alternadamente, como seringueiro, entrou nos seringais por três vezes.

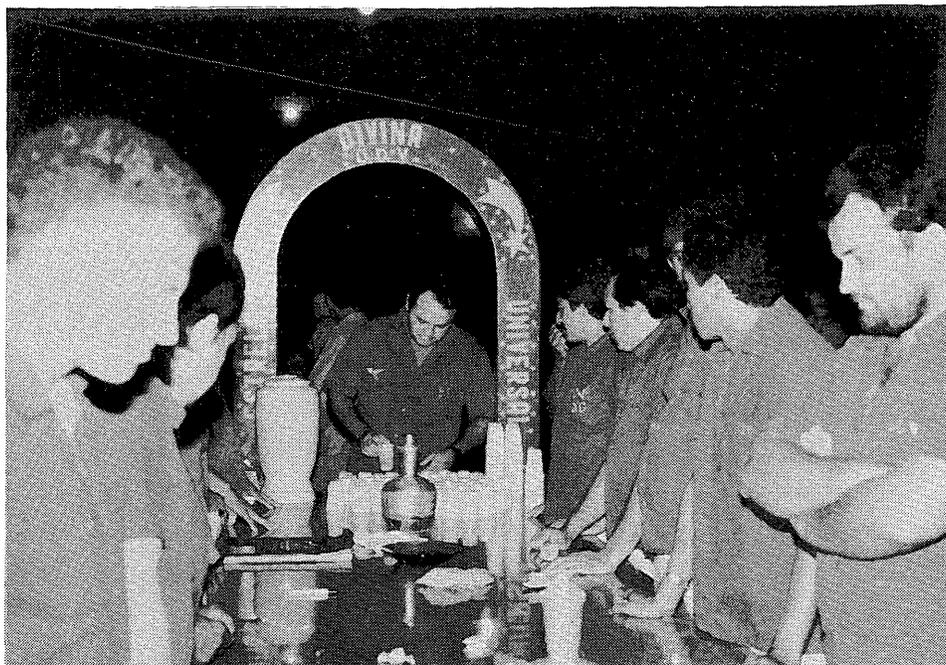


Foto 3 Reunião de União do Vegetal em Porto Velho, 1989

Segundo relato de um de seus filhos, Gabriel, que nascera na Bahia, terra em que religiões afro-brasileiras eram e são bastante populares, era pai-de-santo do Terreiro de Umbanda São Benedito, em Porto Velho. Consta que, mesmo tendo ido à Bolívia, continuava a realizar rituais de Umbanda, até que, um dia, experimentou o chá alucinógeno. Isso aconteceu em 1 de abril de 1959, em Capinzal, através de um Mestre da Curiosidade brasileiro, o Francisco Lourenço. Este usava o chá com finalidades afrodisíacas, ao passo que Gabriel sustentava o seu uso como um chá sagrado. Em 22 de julho de 1961, quando da cerimônia de constituição, Gabriel foi escolhido como o responsável máximo dentre os 12 mestres reunidos, o que ocasionou a saída da maioria deles. Gabriel, então, voltou resignado para sua casa e distribuiu o chá para nove presentes, quatro dos quais seus próprios familiares. Foi a primeira reunião da União do Vegetal, que passou a realizar as suas sessões no segundo e quarto sábado de cada mês. Na época, o que se fazia era rezar a Ave Maria, o Pai Nosso e se dedicar à meditação. Ele voltou para Porto Velho em 1963, deixou o terreiro de

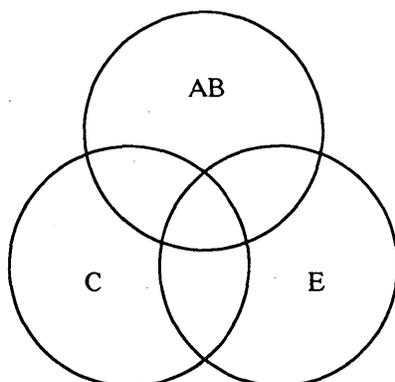
Umbanda a cargo de uma mãe-de-santo e dedicou-se exclusivamente ao chá alucinógeno. Assentado em Porto Velho, fundou, com seriedade e afinco, o Amigos do Vegetal que, mais tarde, passou a se chamar União do Vegetal¹⁶.

Dentro da família da União do Vegetal, ainda, Joaquim José de Andrade Neto fundou, em 22 de julho de 1981, em Campinas, estado de São Paulo, o Centro Espiritual Beneficente União do Vegetal.

Os Três Tipos de Religião Alucinógena

As religiões alucinógenas brasileiras têm como característica a experiência das alucinações, chamadas de mirações ou burracheiras. Ao mesmo tempo, elas formam um sistema que combina tradições religiosas brasileiras. A maneira de combiná-las varia de acordo com o fundador ou a entidade, mas, de maneira geral, as religiões alucinógenas fixam-se em três tipos, cristalizando cada qual elementos retirados das três grandes tradições religiosas do Brasil, isto é, Catolicismo, Espiritismo e religiões afro-brasileiras. Isto é, vêem-se relações de correspondência entre o Catolicismo e a Santo Daime, o Espiritismo e a União do Vegetal e as religiões afro-brasileiras e a facção Daniel da Santo Daime. Vou, aqui, classificar essas relações, abreviadamente, por tipo C, tipo E e tipo AB, e tentar as características, principalmente no que diz respeito aos rituais¹⁷.

O fato de um mesmo líquido fazer surgir os tipos C, E e AB, distintos entre si, mostra que as diferenças estão não no organismo patogênico, isto é, no líquido, mas sim em cada um dos corpos, individualmente. Para explicar essas diferenças, em analogia à genética, podemos dizer que, no caso do Irineu, denota-se forte presença de genes do Catolicismo popular, do nordeste brasileiro. Embora seja obscura a relação entre Gabriel e o Espiritismo, ele era muito ligado à Umbanda, fusão basicamente do espiritismo e de religiões afro-brasileiras, o que possibilita afirmar que a metade dos genes, no seu caso, diz respeito ao Espiritismo. No caso do Daniel, consta que sua mulher era adepta fervorosa de religiões afro-brasileiras. Como se vê, os genes presentes nos fundadores ou nos seus colaboradores exerceram influências determinantes na constituição das religiões.



C: Catolicismo
 E: Espiritismo
 AB: Religiões Afro-Brasileiras

Fig. 2 Os três tipos de religiões alucinógenas

Tipo C

No CECLU de Porto Velho, realizam-se, além das duas reuniões mensais já citadas, outros eventos de acordo com o calendário católico: Dia dos Reis, Páscoa, Dia de São João, São Francisco, Todos os Santos, Imaculada Conceição e Natal. Na festa que comemora o Dia da Imaculada Conceição, por exemplo, entoa-se o hinário todo, num total de 132 canções. O acompanhamento é feito por maracá, violão e acordeão. Homens dançam separados das mulheres, ao redor de uma mesa central. O ritmo e os passos são de marcha, valsa e mazurca. A cada dez músicas, soltam-se fogos de artifício do lado de fora. No decorrer da festa, há um intervalo, em que se serve macaxeira sem sal, chá composto de cidreira e gengibre, e chá de canela. Depois desse intervalo, serve-se mais chá alucinógeno, para aqueles que quiserem repetir a dose.

O calendário católico cumpre o papel de ser o “adesivo” entre os vários rituais: pode-se ver que ali se mesclam e convivem diversos fatores. Os hinos nasceram das revelações, o maracá é um instrumento utilizado tanto na sociedade indígena, como em religiões afro-brasileiras. O violão e os ritmos como a marcha têm a ver com tradições da música e do bailado europeus. A macaxeira sem sal deve ter origem

no fato de Irineu ter cortado o sal durante a sua fase de iniciação, além de, na região oeste da Amazônia, ser essa uma prática comum, quando se quer ser curandeiro. Como se vê, Irineu criou os seus próprios ritos, rearranjando variadas tradições, não passando o catolicismo de um de seus componentes básicos.

O chá alucinógeno é consumido durante as meditações, cerimônias anuais e eventos comemorativos e é imprescindível nos rituais de cura, chamados de “trabalhos”. Normalmente, os “trabalhos” são realizados à noite na casa do doente, com a participação do Virgílio e alguns fiéis. Em primeiro lugar, todos, a começar pelo próprio doente, tomam o chá. Depois de entoarem algumas orações como a Ave Maria, Virgílio tece alguns comentários sobre os efeitos do chá e, a seguir, todos meditam. Ocasionalmente, o próprio Virgílio ou então alguns dos fiéis narram as mirações que acabaram de ter e cantam hinos, sem acompanhamento instrumental. O ritual se encerra depois de aproximadamente duas horas. A seguir, um jantar é servido aos participante. Virgílio, o líder, deposita total e absoluta confiança nos efeitos farmacológicos do chá, desde que sua mulher, que não tinha conseguido se curar de um câncer, diagnosticado e tratado em um hospital carioca, ingeriu o líquido e melhorou. Além disso, ele próprio se curou de uma doença renal com o chá. Acredita-se que o chá possua efeitos de fato curativos, sendo considerado uma verdadeira panacéia. É usado para ser passado em queimaduras, além de os bebês, às vezes, serem forçados a ingeri-lo, para se curarem de resfriados; é usado, ainda, em casos de câncer, tuberculose e até mesmo AIDS. O chá é também empregado em casos de malária, com alta incidência na região, embora as opiniões quanto à sua eficácia estejam divididas.

O líder é considerado um curandeiro em função dos “trabalhos” que realiza. Apesar de a doutrina do Santo Daime ser do tipo C, pode-se ver que ela pouco tem do Catolicismo. curandeiro, da mesma forma que Padrinho Sebastião (CEFLURIS). Existem parturientes que ingerem o chá na hora do parto, assim como chega a existirem pesquisadores que escreveram a respeito da Doutrina, a partir de suas próprias mirações¹⁸⁾. Os curandeiros de Iquitos, na Amazônia peruana, também utilizam o chá com finalidades terapêuticas, havendo, inclusive, relatos de que ele é especialmente eficaz em casos de doenças de origem psicológicas como a insegurança, ansiedade e o estresse¹⁹⁾.

Embora tenha mencionado que o tipo C se cristaliza no catolicismo, não existe ali nenhuma relação com a igreja católica, havendo, ao contrário, consideráveis elementos não-católicos. Ainda assim, nota-se forte influência sua, a começar pelos ritos, o que se estende, ainda, para o campo dos conceitos e dos símbolos. Em analogia à genética, diria que o Catolicismo, no tipo C, faz o papel de gene dominante.

Tipo E

O gene dominante no caso do tipo E é o Espiritismo. Nas reuniões da União do Vegetal, realizadas no primeiro e terceiro sábados do mês, o chá é distribuído, copo por copo, pelo líder, promotor da reunião, sobre uma mesa retangular disposta no meio do salão. A disposição da mesa tem um quê de espírita. A ordem de distribuição do chá é determinada segundo uma rígida hierarquia interna. A ingestão do líquido é obrigatória a todos os participantes, que o fazem em um único gole, depois que todos recebem a bebida na mão. É permitido chupar bala ou comer maçã ou laranja depois, para refrescar o paladar. O promotor da sessão se senta ao centro da mesa, tendo atrás de si os líderes. Os demais participantes, homens e mulheres, sentam-se um à frente do outro, tendo a mesa no meio. E todos se preparam para meditar.

Primeiro, faz-se uma leitura, em voz alta, dos regulamentos e da história da religião. Alternadamente, toca-se música de disco e o promotor entoia algumas "chamadas". Nas zonas urbanas, a música preferida, no momento em que o efeito alucinógeno se intensifica, é a de sintetizador²⁰. Também se executa com frequência a música popular brasileira, embora em Porto Velho, com alta concentração de nordestinos, seja bastante popular a música daquela região como, por exemplo, o forró. As "chamadas" são narrativas improvisadas com entonações monótonas. Possuem características sagradas, por terem sido frutos do chá alucinógeno. As perguntas e as respostas trocadas entre o promotor e os participantes também se realizam em meio ao estado de alucinação. O promotor pergunta a cada um dos participantes se estão experimentando a burracheira. Quando se presume que as alucinações terminaram, o promotor e os líderes se dirigem aos presentes em um tom semelhante a um sermão, dando a reunião por encerrada, já a altas

horas da madrugada. No tipo E, o interesse da burracheira volta-se a questões ligadas à reencarnação, entre elas a busca do eu em vidas passadas. Embora não negue a propriedade terapêutica da alucinação, o tipo E não a utiliza com tal finalidade²¹⁾, uma vez que a posiciona como um instrumento para a evolução espiritual do ser humano.

Contudo, são vários os casos de recuperação de dependentes de droga. Mesmo porque drogas são rigorosamente proibidas, ao lado do fumo e do álcool.

Tipo AB

A possessão é uma característica imprescindível nas religiões afro-brasileiras. Daniel colocou em prática uma atividade religiosa bastante peculiar, lançando mão, de forma dinâmica, tanto da possessão, como da alucinação. Ele teve a sua primeira miração à beira de um riacho, quando voltava para casa, depois de ter tomado o chá. Consta que nela apareceu um anjo, segurando um livro azul, que o teria estimulado a iniciar a atividade religiosa. Teria sido por isso que ele construiu um barraco na Vila Ivonete, em Rio Branco, onde, a partir de aproximadamente 1947, passou a se dedicar à pregação e à cura de doenças.

Hoje, atrás do altar dessa igreja, há uma saleta, onde se encontram sete altares menores²²⁾. Em cada um desses altares, fica um médium, acompanhado de mais dois médiuns assistentes. O espírito que se apossa do médium “diagnostica” e “receita” o tratamento, que é anotado pelos assistentes²³⁾. Dessa forma, são 21 médiuns que se dedicam a atender os problemas individuais dos fiéis. Essa prática tem enorme semelhança com a “sessão de caridade”, que é um ritual umbandista. Além disso, as imagens do Preto Velho, do Caboclo e da Iemanjá, e, ainda, os nomes dos espíritos que se apossam dos médiuns também remetem à Umbanda. Entretanto, tal associação com a Umbanda é negada pelo líder²⁴⁾. Assim, na facção do Daniel, há uma combinação das tradições das religiões afro-brasileiras com os efeitos do chá alucinógeno que, basicamente, se destina à cura de doenças.



Foto 4 Trabalho no Centro Espírita e Culto de Oração

A Epidemiologia do Contágio

No item anterior, aponte que as religiões alucinógenas brasileiras centravam-se em três tipos, C, E e AB, além de comentar que isso se devia não ao líquido, mas sim à questão dos genes. Examinando, no entanto, o raio de “contaminação” de tais religiões, via-se que elas apresentavam aspectos endêmicos, concentradas que estavam nos estados do Acre e Rondônia, que fazem fronteira com Bolívia e Peru. Ultimamente, entretanto, elas tinham começado a se infiltrar em zonas urbanas, em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. A União do Vegetal, em especial, passou a ter pontos de apoio nas principais cidades brasileiras, como as capitais dos estados. Hoje, consta que possuem 40 filiais e cerca de 4.000 membros²⁵⁾. Ademais, nas cidades, a maioria dos fiéis é composta de intelectuais e profissionais liberais como professores universitários, médicos, arquitetos, empresários, jornalistas e artistas. A doutrina do Santo Daime também possui duas comunidades no estado do Rio, além de vários pontos de apoio na cidade de São Paulo. Seus membros também são da classe média para cima: ela não se propagou entre a população urbana de camadas mais baixas. As religiões alucinógenas têm mostrado, assim, indícios de se transformarem em religiões epidêmicas. Vou, neste item, examinar em que ambiente e condições tal transformação se baseou.

Como mencionei no início do item, o chá alucinógeno é, para as religiões alucinógenas, o que o organismo patogênico é para as doenças. Os portadores desse organismo patogênico foram, por muito tempo, apenas o índios, curandeiros e seus seguidores. Depois, com a chegada dos nordestinos na região, trazidos pela extração da borracha, surgiram entre eles os primeiros, digamos, infectados. Como, no entanto, a bebida era preparada a partir de duas espécies vegetais, cujo habitat se limitava à região da fronteira ocidental brasileira, em especial no caso do cipó, as religiões não tinham se alastrado para outras localidades. Por trás disso, há, ainda, o fato de a região, na época, depender de transporte fluvial, estando, assim, isolada da civilização urbana. Assim, durante cerca de 40 anos, as religiões alucinógenas centraram-se em três síndromes: tipo C, E e AB. Os tipos C e E estão em processo de se tornarem epidêmicos, ao passo que o tipo AB ainda permanece endêmico.

As doenças contagiosas propagam-se com o deslocamento do

organismo patogênico e de seus portadores. No caso, o que promoveu tal deslocamento foi o desenvolvimento da região. Como é sabido, na esteira da construção da nova capital federal, Brasília, o governo brasileiro tinha se lançado a um megaprojeto de desenvolvimento da região amazônica. Para os estados de Rondônia e Acre, a ampliação, na década de 60, da BR-364, que poderia ser chamada de a grande artéria, significou muito. Foi a partir de sua construção que a região passou a receber influência direta dos estados do sul, a começar por São Paulo. A estrada causou na região grandes transformações, tanto de ordem econômica, como cultural, tamanhas a ponto de superarem a rota do rio Amazonas, até então tradicional. A partir da década de 70, os deslocamentos oriundos do sul passaram a incluir gente, em acréscimo aos produtos agrícolas e industriais. Eram aventureiros especuladores atrás dos recursos minerais da região — ouro e cassiterita — movidos pelo sonho de se tornarem milionários da noite para o dia, colonizadores com o objetivo de desmatar a floresta ao longo da estrada, além de inúmeros comerciantes que viam neles seus fregueses: todos eles afluíram à região em grande massa. Era um quadro que fazia lembrar vivamente a conquista do oeste norte-americano, no século 19. E, é claro, vieram à tona graves problemas sociais como a disputa de terras entre índios e seringueiros, a destruição do meio ambiente devido à construção de usinas hidrelétricas e transformação das matas em pastagens.

Foi através dessas migrações que a endemia psicológica da região da Amazônia (religião endêmica) transformou-se em epidemia (religião epidêmica). A epidemia, no entanto, não se alastrou rapidamente. A trajetória da contaminação deu-se, ao contrário, em escala extremamente pequena e lenta. Uma das razões dessa lentidão era que o chá alucinógeno não podia ser produzido em grande escala. Atualmente, as duas espécies já estão sendo cultivadas em zonas temperadas, embora a nível ainda experimental. Uma outra razão foi que as autoridades policiais e governamentais não deixaram de vigiar e a tomar precauções no tocante à sua propagação.

Dentre as religiões alucinógenas, o tipo E é a que tem maior poder de contaminação. A sua organização hierarquizada, com posições e atribuições claramente definidas, trabalhou na direção de cada vez mais fortalecer o seu poder de contágio. Este tipo mostrava indícios de

propagação já na segunda metade dos anos 60: em 6 de outubro de 1967, Gabriel foi preso no meio de uma reunião e permaneceu uma noite em poder da polícia. Mesmo depois, a polícia de Porto Velho tentou fechar o Centro da União do Vegetal, mas em 1970, o Tribunal Federal, em Brasília, proferiu uma sentença indeferindo tal pedido²⁶⁾. Em 1981, a União do Vegetal transferiu a sua sede de Porto Velho para Brasília. Supõe-se que tenha contribuído para isso o fato de pretenderem se desenvolver como uma organização de alcance nacional, e, ao mesmo tempo, porque isso seria mais conveniente em casos de terem que negociar com as autoridades.

De fato, quando, em 1985, a Divisão Nacional de Vigilância Sanitária (DIMED) incluiu o *Banisteriopsis caapi* na lista de entorpecentes, a União do Vegetal foi a primeira a imediatamente reagir e protestar. Como consequência, o Conselho Federal de Entorpecentes (CONFEN) criou uma comissão composta de oficiais administrativos e especialistas em medicina para averiguação. Nas sessões de trabalho participaram estudiosos em medicina, sociologia e antropologia. O relatório sobre a investigação saiu em 1986²⁷⁾. Sua essência pode ser resumida nos quatro pontos a seguir: embora a bebida possua alto grau de efeito alucinógeno, a possibilidade de se criarem dependências é extremamente pequena; sendo só usada em rituais religiosos; além disso, os seus fiéis tm moral alto, e não exercem nenhuma influência perniciosa à sociedade.

A União do Vegetal, como que respondendo imediatamente a tal relatório, inseriu em suas publicações o relatório do seu centro médico acerca dos efeitos da Hoasca, deixando claro o princípio de que a Hoasca só deve ser usada durante os rituais e jamais comercializada, e proibindo o uso não só de quaisquer entorpecentes, visto que são um mal social, mas também do fumo e do álcool²⁸⁾.

O tipo C, em especial o CEFLURIS, sob liderança do Sebastião, também vinha abrindo as portas de sua comunidade, desde a década de 70, para aqueles que buscavam um estilo de vida que chamavam de *hippie*. Como consequência dessa abertura, Alex Polari, autor de *O Livro das Mirações*²⁹⁾, fundou uma comunidade denominada Céu da Montanha, localizada, como o próprio nome diz, nas montanhas do estado do Rio. Além disso, também se criou um Centro batizado de Céu do Mar, na cidade do Rio. O fato deste Centro ser muito freqüentado por

gente famosa, como artistas, conjugado à sua dedicação pela preservação da natureza, têm rendido, ultimamente, muita matéria nos jornais. Aliás, o movimento em prol da natureza também pode ser observado no tipo E, sendo o chá alucinógeno — produto das florestas — o símbolo da preservação. Não é só isso: existe toda uma tendência de se estabelecerem centros e comunidades em ambientes florestais, o que possibilita a interpretação de que sejam movimentos de recuperação da natureza em processo de desaparecimento.

Por mais que se diga que os tipos E e C apresentem fenômenos epidêmicos, estes não passam de indícios. Mesmo observadas as reações das autoridades competentes e da mídia, o que existe é apenas uma certa preocupação com a ameaça de que as religiões alucinógenas se propaguem de forma o que não quer dizer que religiões estejam, no momento, causando algum problema social sério. A situação, atualmente vigente, mostra que, embora o organismo patogênico tenha sido transmitido para zonas temperadas, ele ainda está preso dentro dos domínios das religiões e nas camadas sociais e em comunidades que nada têm a ver com as dificuldades econômico-financeiras para se viver.

Por outro lado, o poder de contágio do tipo AB é fraco. A sua propagação para as principais capitais das zonas temperadas ainda não tem sido observada. É necessário acompanhar e observar como, daqui para a frente, as religiões alucinógenas se adaptarão ao fenômeno da “Umbandização” presente em todo o Brasil.

Notas

- 1) Fujioka, Yoshinaru. “Nomimono to Narcotics” (“Bebidas e Narcóticos”). In *Cha no Bunka: Sono Sôgôteki Kenkyû (A Cultura do Chá: Um Estudo Sintético)*. Editora Tankosha, primeira parte, p. 213–216.
- 2) O conceito de religião endêmica e epidêmica foi proposto por Tadao Umesao, que aponta que o estudo das religiões deve investigar as condições intercambiadoras entre o endêmico e o epidêmico. *Vide Bunmei no Seitashikan (A Civilização sob o Ponto de Vista da História Ecológica)*, de Tadao Umesao, Editora Chûôkôronsha, 1967, pp. 234–239.
- 3) O termo “culto” é empregado quando se quer indicar fé mais exaltada e em moda, ou para apontar pequenos grupos praticantes de rituais místicos. A palavra sugere grupos e movimentos sem posição social estável e ainda

imatuross do ponto de vista religioso. Aqui, quero, portanto, adotar o termo “religião”, mais neutro.

- 4) Embora homófono, o termo é grafado de formas diferentes na UDV 1 e na UDV 2: “Hoasca” na primeira e “oaska” na segunda.
- 5) Takei, Hideo. “‘Sekai no Hajimari’ wo Motomete: Hokusei Amazon no Genkaku to Bunka” (“Em Busca do ‘Começo do Mundo’: Alucinação e Cultura no Noroeste da Amazônia”). In *Imago*. 1990. v. 1, n. 7, p. 69.
- 6) Reichel-Dolmatoff, G. “O Contexto Cultural de um Alucinógeno Aborígine: Banisteriopsis caapi”. In *Os Alucinógenos e o Mundo Simbólico*, São Paulo, E.P.S./EDUSP, 1976, p. 60.
- 7) Os detalhes se encontram em uma tese de minha autoria, denominada “Hajime ni Ekitai ariki: Burajiru ni okeru Genkaku Shukyo no Soseiki” (“Primeiro, a Existência do Líquido: A Gênese das Religiões Alucinógenas no Brasil”). In *A Cultura Intoxicante: Religião e Sociedade na América Latina*. Heibonsha, 1992.
- 8) Fernandes, V. *História do Povo Juramidan: A Cultura do Santo Daime*. Manaus, SUFRAMA, 1986, p. 72.
Henman, A. “Uso del Ayahuasca en un Contexto Autoritario. El Caso del União do Vegetal en Brasil”. In *América Indígena*. 1986, v. 46, n. 1, p. 225.
Nakamaki, H. “Tsuru wa Chikara, Ha wa Hikari” (“Os Ramos são a Força, as Folhas, a Luz”). In *Gekkan Minpaku (Revista Mensal do Museu Nacional de Etnologia)*. Fundação Senri Bunka, 1988, v. 12, n. 4, pp. 15–17.
- 9) Reichel-Dolmatoff, G. *Os Desanas: Simbolismo e Sexo na Amazônia* (tradução de Kazuo Terada e Hiroyasu Tomoeda). Editora Iwanamishoten, 1973, pp. 211–215.
- 10) Nakamaki, *op. cit.*, nota 7.
- 11) Henman, *op. cit.*, p. 228.
- 12) Monteiro da Silva, C. “La Cuestion de la Realidad en la Amazonia: Un Analisis a Partir del Estudio de la Doctrina del Santo Daime”. In *Amazonia Peruana*. 1983, v. 6, n. 11, p. 92.
- 13) Fernandes, *op. cit.*, pp. 22–23.
- 14) Fernandes, *op. cit.*, p. 27.
- 15) Supõe-se que esta denominação deva-se à influência do termo “curioso”: um dos nomes que, na Amazônia peruana, se atribui aos curandeiros.
- 16) Segundo Ari Pinheiro, médico em Porto Velho, o chá alucinógeno tinha sido introduzido na cidade já em 1958.
- 17) No que diz respeito a idéias e símbolos, *vide* Nakamaki, *op. cit.*, nota 7.

- 18) Fernandes, *op. cit.*, pp. 177–181.
- 19) Dobkin de Rios, M. *Visionary Vine: Hallucinogenic Healing in the Peruvian Amazon*, Wavelando Press, 1972, p. 140.
- 20) Fazem sucesso Isao Tomita e Kitarô, ao lado de Jean Luc Ponte, Jean-Michel Jarre e Vangelis.
- 21) Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. *União do Vegetal: Hoasca, Fundamentos e Objetivos*. Brasília: Centro de Memória e Documentação da União do Vegetal (Sede Geral), 1989, p. 34.
- 22) São eles dedicados a: Príncipe Dom Simeão, Mestre Dom Romão, Rei Urubatan, Rei Tubarão do Mar, Rei Ricardino, Dom Tubarão Branco, Príncipe Dom Jordão.
- 23) Furuya, Yoshiaki: “Amazon no ‘Unbandaka’: Burajiru eno ‘Tôgô?’” (“A ‘Umbandização’ da Amazônia: A ‘Integração’ ao Brasil?”). In *Shakai-kagaku-ronshû (Coletânea de Teses Acadêmicas do Departamento de Sociologia)*. Centro de Estudos do Departamento de Sociologia, Faculdade de Artes, da Universidade de Kyushu, 1991, p. 105.
- 24) Furuya, *ibid.*, p. 106.
- 25) Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, *op. cit.*, p. 22.
- 26) Henman, *op. cit.*, pp. 220–221.
- 27) Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, *op. cit.*, pp. 71–95. Fernandes, *op. cit.*, pp. 183–193.
- 28) Centro Espírita Beneficente União do Vegetal, *op. cit.*
- 29) Polari de Alverga, A. *O Livro das Mirações: Viagem ao Santo Daime*. Rio de Janeiro, Rocco, 1984.